



**RELAÇÕES AMOROSAS ENTRE HOMENS E MULHERES, UMA  
REFLEXÃO SOBRE A PERMANÊNCIA DA INIQUIDADE**

***AFFECTIVE RELATIONS BETWEEN MEN AND WOMEN, A REFLECTION ON  
THE CONTINUED LACK OF EQUALITY***

Mirian T. de Sá Leitão MARTINS<sup>1</sup>

**Resumo**

Este estudo propõe discutir a permanência da dominação masculina e a sua ingerência sobre as relações entre os gêneros que são modeladas por uma construção socio-histórica-cultural, ainda pautada numa divisão e visão hierarquizada do mundo social. Utiliza para a discussão dessa temática os pressupostos de Pierre Bourdieu que ao indagar a permanência da supremacia dos homens a analisa a partir de uma perspectiva simbólica, utilizando o conceito de *habitus* e o de violência simbólica.

**Palavras Chave:** dominação masculina, *habitus*, iniquidade e violência simbólica.

**Abstract**

This study proposes discussing the permanence of male domination and interference on relations between the genders, who are shaped by building a socio-historical-cultural, still ruled in a division and hierarchical view of the social world. Uses for the discussion of this topic the assumptions of Pierre Bourdieu to ask that the continued of the supremacy of men analyses from a symbolic perspective, using the concept of habitus and violence symbolic.

**Keywords:** male domination, habitus, inequity and symbolic violence.

**Introdução**

O movimento feminista ao longo dos anos provocou modificações significativas nas instituições e na coletividade possibilitou às mulheres conquistarem espaços sociais importantes. Na contemporaneidade algumas tradições já foram reformuladas, como por exemplo: a estrutura familiar nuclear, a invisibilidade feminina na vida pública, entre outras. E essas transformações interferem nos valores e crenças sociais, assim como nos relacionamentos interpessoais.

Apesar dessas mudanças, no âmbito doméstico perduram algumas permanências como: a sobrecarga das mulheres nas atividades de casa e os códigos que disciplinam suas condutas. Entendemos que ainda hoje, as relações que estabelecem com seus companheiros são marcadas pela ascendência masculina.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Ciências Médicas pelo PGCM/UERJ. Rua Araújo Lima 41. Tijuca-RJ  
mirianteresad@yahoo.com.br.

A tentativa desse ensaio é destacar as proposições teóricas do sociólogo Pierre Bourdieu (1999), particularmente aquelas que se referem às questões femininas, em especial as relações de gênero. Para o autor, essas dizem respeito às regras das interações sociais que são moldadas pelo processo de socialização e de educação diferenciada, compondo o arranjo da vida social e a percepção simbólica.

Enfim, o conceito de gênero possibilitou romper com as explicações biologicistas, que preconizavam a anatomia e o corpo da mulher como determinantes da sua condição social e propõe uma investigação das diferenças entre os sexos, fundamentalmente baseadas na desigualdade de poder (Giffin, 1994).

Para Bourdieu (op.cit) o lugar das mulheres nas relações amorosas/sexuais e na família é uma produção social, onde um conjunto de forças econômicas, culturais e legais possibilitam essa construção. Ao abordarmos os mecanismos de opressão, tomamos como referência as reflexões sobre a importância das estruturas de domínio no relacionamento homem/mulher, pois compreendemos que, como ferramenta teórica, o gênero tem permitido uma ampla crítica da subordinação feminina, pois possibilita uma reflexão da divisão desigual de poder simbólico presentes na nossa cultura e, conseqüentemente, a discussão sobre as desigualdades entre os sexos na sociedade.

### **A dominação masculina e a permanência da iniquidade**

Os atores sociais segundo a teoria de Bourdieu, estão inseridos espacialmente em determinados campos sociais possuindo certos capitais, como: o econômico, o social (conjunto das relações dos indivíduos na coletividade), o cultural (cultura acumulada por cada grupo), entre outros. Porém, nas sociedades desenvolvidas o que vai determinar realmente a sua posição é a detenção do capital econômico e cultural. Por esses determinarem os princípios de regularização (valores) próprios de cada sociedade, vão propiciar uma proximidade ou uma distanciamento entre as pessoas no Espaço Social (Oliveira, 2001).

Os estudos do sociólogo analisam o mundo social a partir das relações dialéticas das estruturas objetivas e o modo como elas se atualizam e se reproduzem. Possibilitam a compreensão dos mecanismos de dominação e a lógica das práticas dos sujeitos num ambiente inigualitário e conflituoso, como as relações desiguais entre indivíduos que possuem diferentes capitais sociais e as que ocorrem entre homens e mulheres, que para o pesquisador são hierarquizadas (Bourdieu, 1989).

Bourdieu (1999) ao indagar a permanência da supremacia masculina em alguns aspectos da vida na coletividade, compreende essa constante a partir de uma perspectiva simbólica. Nessa visão, a desigualdade de gênero é constitutiva do social, sendo o seu significado próprio de cada cultura.

A dominação androcêntrica, de acordo com o estudioso, deu-se ao longo de um processo histórico de socialização e o fato de perdurar desde os tempos arcaicos deve-se a eternização dos esquemas de pensamento, que socialmente se estabelecem a partir das diferenças anatômicas entre os sexos, e que se tem afirmado continuamente na história. Segundo Bourdieu (op.cit), na coletividade ocorrem relações objetivas que existem independentes das consciências ou das vontades individuais e a ordem estabelecida possui uma lógica própria, oriunda de uma:

(...) cosmologia falonarcísica que é originária do universo cultural mediterrâneo que sustenta a divisão hierárquica até nossos dias, seria o resultado de um complexo e contínuo trabalho de inculcação do masculino nos corpos e cérebros masculinos e do feminino nos corpos e cérebros femininos (Bourdieu & Wacquant, 1992, p.167).

Para Bourdieu as representações de gênero são construídas simbolicamente na cultura e se materializam na subjetividade. Sendo assim, se propõe a investigar a reprodução e a atualização das mesmas. Para entender tal fenômeno, o pesquisador se utiliza de um conceito, o *habitus* - disposições, estruturas cognitivas e avaliativas adquiridas através de uma experiência durável, ou seja, esquemas de percepção e apreciação.

De acordo com Setton (2002), o *habitus* pode ser compreendido como um instrumento conceitual que auxilia a pensar as relações estabelecidas entre os condicionantes sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Estes se manifestam nas atitudes, nas inclinações a pensar, a sentir o mundo de tal forma, em comportamentos e valores.

Para Bourdieu é a partir da internalização do *habitus* de classe que as pessoas teriam determinadas formas de atuar, uma vez que essas disposições estão relacionadas a uma localização específica dos indivíduos na ordem social, influenciando seu comportamento, Esse conceito se assenta tanto dos mecanismos de socialização, como de aprendizagem.

O *habitus* se inscreve nos princípios de visão e divisão entre homens e mulheres, determinando uma hierarquização da ordem social e uma categorização. Condicionantes sociais são baseados no pressuposto da assimetria entre os sexos, e que produzem o *habitus* de gênero, levando os sujeitos a agirem e perceberem o mundo ao seu redor, de acordo com essas classificações. Apresenta-se na forma de uma *hexis* corporal, que é um modo de reagir corporalmente e psicologicamente a uma situação.

Segundo Bourdieu (2002), as injunções sociais, primeiramente se dirigem aos corpos e não ao intelecto e, através de uma ação pedagógica cotidiana (na aprendizagem da diferença) vai traduzir a masculinidade e a feminilidade naturalizadas na *hexis*. Na masculina, o *habitus* viril relaciona-se a toda a uma simbologia que pressupõe: altivez, decisão, força, penetração e potência, particularmente representada pelo ato sexual de posse, de dominação. São justamente

essas divisões entre os sexos inscritas no soma, que se materializam na forma de andar, de se comportar, falar, dirigir o olhar, vestir-se, entre outros.

Montagner (2006), pensa o *habitus* como uma matriz geradora das práticas dos agentes sociais. Sendo assim realiza uma mediação entre as diferentes dimensões do sujeito e as categorias coletivas. É o resultado histórico de uma interiorização social realizada na primeira educação, que sempre estarão presentes nas relações dos mesmos com o mundo e com seus pares, embora convivam concomitantemente com outras disposições adquiridas posteriormente. Ou seja, é um '*passado incorporado que é sempre atualizado*' (2006, p 515-526).

Outro pesquisador que traz para discussão essas questões e dialoga com as idéias de Bourdieu, é Rouco (1992), o autor para explicar o processo de incorporação das estruturas objetivas da dominação masculina na construção, tanto da subjetividade, como na afetividade e identidade, enfatiza a importância da “força” do *habitus* que através da socialização na família e na escola modela os corpos e as mentes, num processo de naturalização. Esta ocorre a partir da percepção das oposições anatômicas que se transforma em representação, tornando evidente a construção social das diferenças entre o par masculino/feminino, ou seja, marca essa “leitura” do biológico (Rouco , 1992).

Ou ainda de acordo com Bourdieu:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros, se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino (1999, p.41).

Essas categorias de pensamentos, modeladas a partir do ponto de vista das relações de poder são aplicadas às relações de dominação que as mulheres se vêem envolvidas, sendo incorporadas pelas mesmas, resultando em esquemas de classificação que são próprios dos homens. A adesão aos valores masculinos por elas, só é possível pelo fato da dominação exercer o que Bourdieu (1985) chama de poder hipnótico Este não se dá pela força e sim pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento. Segundo o pesquisador, são como atos de reconhecimento e de adesão legítima. Assim nos aproximamos do conceito de Violência Simbólica, que se exerce pelas vias essencialmente e puramente simbólicas.

Essa forma de violência é um mecanismo que propicia a reprodução da dominação e se fundamenta nas disposições modeladas pelas estruturas de poder. O oprimido não se opõe a ela, já que não se percebe como vítima deste processo, ao contrário, considera a situação inevitável, pois esta se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização da cultura predominante. Bourdieu (1999, p.54) a pensa como '*efeitos simbólicos de legitimação*'.

Para o pensador, tal fenômeno se dá pelo fato de haver uma concordância entre as estruturas objetivas e cognitivas, ou seja, por pré-existir uma divisão na ordem das coisas, apoiada na oposição entre os gêneros. Bourdieu propõe investigar justamente os mecanismos profundos da lógica reprodutora, os dispositivos ideológicos responsáveis pela des-historização da história e a conseqüente eternização do arbítrio.

Roger Chartier (2002) pautado nas concepções do sociólogo, destaca a importância do simbolismo na análise da imposição dos homens e a adesão das mulheres às categorias que configuram sua dominação. Para o autor, estas são historicamente e culturalmente construídas e para uma melhor compreensão se aproxima também do conceito de Violência Simbólica de Bourdieu. Segundo Chartier (op.cit), a incorporação dos pressupostos masculinos não ocorrem de forma totalmente passiva, existindo sempre uma possibilidade de deslocamento dessa posição de subjugação

Não obstante essa classificação androcêntrica esteja internalizada em todas as pessoas, na opinião de Bourdieu há a possibilidade de mudanças, mesmo que as chamadas categorias universais que determinam uma ordem hierarquizada entre homens e mulheres sejam constantemente retroalimentadas num processo dialético de produção e reprodução de uma iniquidade.

### **A Possibilidade de Mudança**

Considerando a construção e perpetuação dessa modelação de gênero na sociedade, Bourdieu ressalta que a mesma é configurada por uma separação entre as atividades produtivas e as reprodutivas. Essa objetiva a manutenção do capital social e do capital simbólico (conjunto de rituais como, por exemplo, as boas maneiras e as regras de boa conduta ligadas à honra e ao reconhecimento). Assim, em sua opinião, as divisões entre os sexos atribuem aos homens, na maioria das vezes, o privilégio exclusivo de todas as atividades públicas, oficiais e de representação no espaço público.

Apesar do que chama de permanências dentro da mudança, ele destaca também algumas transformações nessa reprodução: da estrutura familiar com as novas formas de conjugalidade e da função da escola, ressaltando um maior acesso da mulher à instrução e, conseqüentemente sua maior independência econômica.

Ao trazer para a discussão a possibilidade de transformação, Bourdieu (1999) enfatiza que há uma nítida autonomia das estruturas econômicas, se comparadas com as estruturas simbólicas, sendo que as primeiras sofreram modificações na contemporaneidade (cada vez mais se observa a presença feminina nos espaços produtivos). Lembra que a persistência da iniquidade entre os gêneros seria proveniente de uma nítida separação entre o público e o privado, onde se perpetua a lógica dos bens simbólicos, cujo o princípio básico, é as mulheres serem tratadas como objetos. Para ele, a transformação dessa ordem só será possível a partir da

modificação tanto das estruturas de dominação, ou seja, das instituições socializantes (família, escola, estado e igreja) e também dos bens simbólicos.

Em estudo para conclusão de minha tese de mestrado no Faculdade de Ciências Médicas/UERJ/RJ, ficou claro algumas permanências e mudanças decorrentes dos avanços da condição feminina nos últimos anos. As moças pertencente aos estratos populares que entrevistei, têm expectativas de terem uma profissão e, o investimento nas carreiras para elas, é parte nuclear na busca por sua autonomia pessoal, elemento importante no ideário feminino de emancipação. Contudo, elas não abdicam totalmente dos papéis que lhes são atribuídos pelos sistemas de sexo/gênero, tendo condutas nos relacionamentos amorosos marcadas por valores conservadores.

Identificamos que há, em cada construção de valores, a incorporação de uma ordem social estabelecida a partir de uma hierarquia entre homens e mulher, implícita ou explicitamente. Elas por desejarem manter o namoro ou o casamento, aceitam uma série de imposições deles e, por se preocupam em não ficarem 'mal faladas' no seu grupo social, conduzem suas práticas afetivas / sexuais pautadas em valores culturais conservadores.

Diferentemente das mulheres que no passado valorizavam a virgindade, as entrevistadas, se preocupam é com a fidelidade. Procuram namorar ou ficar com um só rapaz. Somente ao terminar o relacionamento é que vão buscar outros parceiros.

Essas condutas citadas acima estabelecem o sentido, as representações que elas possuem das práticas amorosas e da sexualidade, classificando-a, definindo regras e procedimentos modelados por *habitus*, ou seja, pelas disposições que foram internalizadas a partir da convivência diária na família, na escola e no seu grupo social.

Os dados que identificamos no nosso estudo indicam padrões relacionais entre gêneros marcados por uma assimetria. Nos discursos das adolescentes, vimos que o relacionamento homem / mulher ainda é simbolizado por uma posição ativa dos rapazes em oposição a uma atitude mais contida das moças. Uma divisão entre o par masculino / feminino que aparece nas atribuições de cada um, por exemplo, na conquista. Caberia a eles a abordagem direta, e a elas a espera e a sedução, com olhares, gestos que expressam seu interesse.

Entendemos o significado da conduta descrita acima, como ancorado em valores morais ditos tradicionais, produto de uma modelação social que ocorre desde a primeira infância, ou seja, o *habitus* incorporado no processo de socialização.

Na compreensão dessas questões, aproximamo-nos das idéias de Bourdieu (1999). O autor ressalta, com muita propriedade, que as visões de mundo utilizadas pelas mulheres ao questionar a sua vivência afetiva, o seu papel na família e na sociedade, ainda obedecem as mesmas categorias que alimentam um poder conferido aos homens. As adolescentes em questão continuam a re-produzir representações sociais ancoradas em um imaginário onde predomina a dominação masculina.

Essas representações determinam suas ações e vão influenciar no ponto de vista que elas possuem sobre o comportamento feminino. Conceção essa baseada no seguinte estigma: as moças consideradas mais “atiradas” que, por apresentarem atitudes mais ativas na prática amorosa / sexual, são mal vistas.

Houve uma incorporação, na classificação descrita acima, dos valores masculinos; elas legitimam a virtude no comportamento da mulher que “não é fácil”, como atos de reconhecimento e, portanto, uma violência simbólica. Elas, por desejarem manter o namoro ou o casamento, aceitam uma série de imposições dos seus namorados ou companheiros e, por se preocuparem em não ficar ‘mal faladas’ no seu grupo social conduzem suas práticas afetivas / sexuais pautadas em valores culturais conservadores. Ou seja, na construção de seus preceitos morais, ainda há a incorporação de uma ordem social estabelecida a partir de uma hierarquia entre homens e mulheres.

## Referências

BOURDIEU, P. 1985. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.

\_\_\_\_\_.1989. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel.

\_\_\_\_\_. 1999. A dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. 2002. Mediações Pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_.&WACQUANT, L. 1992. Réponses, pour une anthropologie reflexive. Lisboa: Ed. Du Seiul.

CHARTIER, R. 2002. Pierre Bourdieu e a história, São Paulo, Revista *Topoi*: 139-182.

GIFFEN, K. 1994. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal, Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública (18): 103-11.

MONTAGNER, M. A. 2006. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas, Rio de Janeiro. Ciência e Saúde Coletiva 11(2): 515-526.

OLIVEIRA, C. M. 2001. O que é a ciência e o fazer ciência para Bourdieu?, João Pessoa. Revista PARA'AIWA (1): 15.

ROUCO, J. M. 1998. Sexualidade e mudanças de comportamentos: uma estratégia lúdica de prevenção da Aids.In: LOYOLA, M. A (org). A sexualidade nas ciências humanas, Rio de Janeiro. Eduerj: 175-196.

SETTON, M. G. 2002. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea, Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Educação,(20): 60-70.

Artigo Recebido: 26/06/08

Artigo Aceito: 30/07/08